

# Conceição Lima (1961-2026), o seu “silêncio franqueia agora o umbral de qualquer coisa”

A poeta não aguentou a última desfeita dos políticos do seu país. São Tomé e Príncipe perdeu a voz que alcançou o “lugar raro de equilíbrio entre afectos, consciência histórica e inquietação ética”.

**António Rodrigues**

24 de Maio de 2026, 7:03





Escolha o PÚBLICO como fonte preferida de notícias no Google. [Saber mais](#)

Adicionar o PÚBLICO ao Google

Já adicionei

**U**ma ilha sem deuses, de “homens apenas”; uma mulher de consciência ética, poeta das memórias dolorosas desse arquipélago de “inamovível herança”; um país que se tornara imperativo categórico na obra, nos sonhos, nos pesadelos, na vida e na hora da morte (<https://www.publico.pt/2026/05/15/culturaipsilon/noticia/morreu-poetisa-jornalista-saotomense-conceicao-lima-2174823>). Maria da Conceição Deus Lima vinha morrendo aos pouquinho, esvaindo-se do país para o qual vivia: São Tomé e Príncipe. Tão doloroso de amar e ser correspondido, povoado de fantasmas que ela interrogava, de árvores e flores e frutos e pássaros que descrevia nesse mundo que voava, alto e alado, como num poema de *A Dolorosa Raiz do Micondó*. A 16 de Maio, ao raiar do dia, deu por finda a sua passagem.

*O Mundo Visto do Meio* ([https://www.fnac.pt/O-Mundo-Visto-do-Meio-Cronicas-seguidas-de-Um-Auto-do-Seculo-XX-Conceicao-Lima/a10681333?origin=disp\\_publico\\_livros](https://www.fnac.pt/O-Mundo-Visto-do-Meio-Cronicas-seguidas-de-Um-Auto-do-Seculo-XX-Conceicao-Lima/a10681333?origin=disp_publico_livros)), colecção de crónicas e um auto publicada pela Caminho em 2022, traz na *Advertência* com que se abre, sobre os nomes autóctones da fauna e da flora: “As minhas avós e velhas tias, autênticas magas de curas com folhas, raízes, sementes e cascas, exímias cozinheiras de pratos típicos, sabiam os nomes de todas as plantas (...). Com as mais-velhas da família aprendi, pois, os nomes e as propriedades de uma série delas, assim como de alguns peixes.”

Nasceu em São Tomé e Príncipe, “lugar que está sobre a linha do Equador, de onde os hemisférios se apartam”, um “lugar privilegiado para olhar, dependendo de quem olha”, como disse ao PÚBLICO (<https://www.publico.pt/2025/07/11/mundo/entrevista/preciso-repensar-pais-devolver-esperanca-certo-grau-confianca-sao-tome-principe-2139808>) o ano passado. Veio à luz a 8 de Dezembro e deram-lhe o nome de Conceição, de “madona cristã”, uma incisão de Deus na testa e um apelido também, neta de um Manuel que renunciara a metade do seu comboio católico feito identidade: Manuel da Madre Deus dos Santos Lima ficara Manuel de Deus Lima.

Munida da sua “poesia lírica de contaminação épica”, capaz de encontrar “um lugar raro de equilíbrio entre os afectos, a consciência histórica e a inquietação ética”, como explica Inocência Mata – amiga, académica e profunda conhecedora da sua obra –, Conceição Lima dedicou-se à “escavação da memória colonial” e à denúncia das marcas colonialistas que ficaram no pós-independência.



Em Lisboa, em 2023, para uma entrevista a propósito do lançamento de *O Mundo Visto do Meio* MATILDE FIESCHI

A sua ferramenta era a poesia, sobretudo, mas a sua escrita também se dava com o formato da crónica – tinha tarimba de jornalista, formada em Portugal, com largos anos de trabalho na BBC e na sua ilha, onde chegou a ser correspondente do PÚBLICO e foi por várias vezes silenciada (<https://www.publico.pt/2018/03/04/sociedade/noticia/este-governo-e-inimigo-da-imprensa-livre-1804466>), sobretudo desde a chegada de Patrice Trovoada ao poder.

“Ao nível do jornalismo, ela foi muito maltratada nos últimos oito, dez anos aqui no nosso país”, conta João Carlos Silva (<https://www.publico.pt/2021/11/14/culturaipsilon/entrevista/joao-carlos-silva-inventa-utopia-laboratorio-atlantico-1984705>), fundador da CACAU - Casa das Artes, Criação, Ambiente e Utopias e da FACA - Fábrica das Artes e Cidadania Activa, organizador da Bienal de Artes e Cultura de São Tomé e Príncipe. “E isso deixa marcas.”

Forjada nas lutas políticas da JMLSTP, a juventude do antigo partido único, o Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe, com o qual se haveria de desencantar, a poeta foi construindo, a partir do pequeno arquipélago do Golfo da Guiné, uma geografia histórica, política e afectiva, segundo Inocência Mata: “As ilhas aparecem como um espaço físico, mas também como um arquivo emocional”.

Não são só as roças e a exploração do trabalho braçal, “não é só a praça política, são também os quintais clânicos, os rios, os portos, os mortos e sepultos – é uma imagem dela muito forte, os mortos e sepultos no sentido metafórico”, refere Mata, nessa ideia de que continua sem se fazer justiça aos antigos contratados cabo-verdianos, trazidos aos magotes pelo colonialismo no princípio do século XX para serem explorados nas roças.✍ Calcula-se que cerca de 8% da população santomense seja descendente desses escravos *de facto* depois da abolição da escravatura *de jure*.

## Cicatrizes e fantasmas

Há “cicatrizes” que perduram, “como uma mentalidade formatada para a subjugação, para a falta de auto-estima, para a auto-inferiorização”, contava a poeta ao PÚBLICO em 2023 (<https://www.publico.pt/2023/03/22/culturaipsilon/entrevista/poeta-cosendo-cronicas-linha-equador-2041124>). “Afim, foram séculos de um sistema em que a cor da pele determinava a posição na tabela social. A pilhagem dos recursos naturais, a exploração intensiva e degradante da mão-de-obra, a crueldade de punições físicas, mortes, deixam marcas profundas.”

Inocência Mata diz que Conceição Lima tinha capacidade para “interrogar os fantasmas; não estamos a falar de fantasmas espectrais, mas presenças históricas que regressam para exigir reconhecimento, justiça”. Tinha uma extraordinária capacidade para “reflexões contemporâneas sobre o passado” e para “compreender a história que não vive nos documentos”, a que está “nos corpos, nos afectos, nas ausências, nas ruínas, que vive na nossa memória e na nossa percepção”.

“São Tomé surge como o tema principal, aparecendo não como uma noção abstracta, mas como uma personagem principal, uma entidade encarnada, um amor perdido e incessantemente procurado, ou uma figura nutridora”, escreveu na *World Literature Today* Cristina Pinto-Bailey, a propósito da sua colectânea de poemas *No Gods Live Here*, publicada e premiada nos Estados Unidos.

O título vem do pequeno poema *Arquipélago*, do citado *A Dolorosa Raiz do Micondó*: “O enigma é outro – aqui não moram deuses/ Homens apenas e o mar, inamovível herança.”

“Há os que olham, há os que observam, há os que analisam, há os que escrutinam. Não são muitos, mas há”, explicava ao PÚBLICO, na mesma entrevista de 2023, sobre a capacidade de ver para lá da paisagem natural edílica. “Há sempre esse grande contraste daquele que chega e vê o paraíso que muitos que vivem nele não sentem.”

# País difícil, obra maior

Os poucos mais de mil quilómetros quadrados de duas ilhas separadas por 140 quilómetros de mar que fazem o segundo país mais pequeno de África (a seguir às Seychelles) pareciam muitas vezes pequenas demais para as suas palavras, ideias, vontades – e ela passava do entusiasmo à depressão, das muitas ideias aos entraves políticos e cada vez mais à depressão.

“Não tem sido fácil”, diz João Carlos Silva. “O nosso país está numa encruzilhada terrível e a São era um bocado, digamos assim, a resistência para não nos deixar cair no abismo, sobretudo em termos de pensamento crítico, de visão; ela dizia com muita firmeza que acreditava no futuro de São Tomé, quando muitos de nós já não acreditamos.”

Ela própria, em entrevista ao PÚBLICO por ocasião dos 50 anos da independência, dizia: “Acredito que São Tomé e Príncipe pode ser um país viável, com ou sem petróleo. A exiguidade especial favorece rixas e querelas, mas o arquipélago precisa de líderes verdadeiramente capazes de colocar os interesses nacionais acima dos seus interesses pessoais.”

Agora, na hora da sua morte, o jovem poeta e activista Yvanick Lopandza, cuja poesia Conceição Lima admirava, lançou uma petição para que o Ministério da Educação incluía a obra dela no programa do ensino secundário santomense na disciplina de Língua Portuguesa do 12.º Ano. A sua obra “constitui um dos mais relevantes contributos da literatura santomense contemporânea” e “a sua poesia é amplamente reconhecida como um espaço de articulação entre memória individual e colectiva, conferindo voz literária às experiências históricas do país e da região”, lê-se no texto.

“É o mínimo que podemos fazer nos próximos tempos. Que haja vontade política para o concretizar, e nós esperamos que sim. Estamos à beira das eleições legislativas, vamos mudar de Governo daqui a mais algum tempo, muito provavelmente, não serão os mesmos governantes”, refere João Carlos Silva. “É preciso vontade política para concretizar essa petição, ou o que essa petição contém. Seria muito bom para as gerações vindouras. Mas esse é o problema de São Tomé, essa dimensão política que acaba sempre a emperrar coisas.”

## A derradeira desilusão

Amar São Tomé e Príncipe dói e, “com tantos acontecimentos que indignam”, dói ainda mais dolorosamente, diz Inocência Mata. A dor mais aguda (“que a deixou completamente de rastos”) chegou com as comemorações do centenário do nascimento de uma das maiores figuras da literatura e da política santomenses, a poeta Alda Espírito Santo, a 30 de Abril. Inocência Mata é curadora científica das celebrações, Conceição Lima fazia parte da comissão.

Alda Espírito Santo, autora da letra do hino nacional de São Tomé e Príncipe, chegou a ser presidente do Parlamento e uma das acções propostas no programa do centenário era a realização de uma sessão solene na Assembleia Nacional. Conceição Lima, que gostava de organizar sessões de poesia, ficou responsável pela parte cultural da sessão solene e mobilizou 400 crianças para dizer poesia. Só que no próprio dia, pouco tempo antes de começar, a sessão marcada há meses seria abruptamente cancelada.

Na véspera, explicava a agência Lusa, o presidente do Parlamento, Abnildo d’Oliveira, viajou para a Nigéria a título pessoal, numa altura em que o seu vice, Arlindo Barbosa, estava em missão na África do Sul. O primeiro-ministro, Américo Ramos, foi ao Príncipe para presidir à comemoração dos 31 anos do estatuto de autonomia da ilha e decidiu ficar para arregimentar apoios para a sua candidatura à liderança da Aliança Democrática Independente, o partido de Patrice Trovoada. A ministra da Educação,

Isabel Viegas Abreu, presidente da comissão de honra do centenário, e que iria discursar, também estava fora, em Timor-Leste para reuniões dos ministros da Cultura e Educação da CPLP.


Face a todas as ausências, o Presidente, Carlos Vila Nova, que estava em São Tomé, decidiu não estarem reunidas as condições para comparecer e anunciou que não ia, levando ao cancelamento da sessão. “Isso deixou-a de rastos”, conta Inocência Mata – “nunca mais foi a mesma.” Algo que tinha feito “com tanto amor, para homenagear a Dona Alda”, tinha sido desrespeitado, mais uma vez, pelos políticos.

“Às vezes, bate um desespero total”, conta João Carlos Silva sobre a sua experiência de andar para trás e para a frente com todos os seus projectos culturais. “Temos de fazer aquilo que a Alda Espírito Santo dizia, ela que já vivia isso há uns anos largos, temos de ter esperança na desesperança. Essa desesperança toda, doida, que nos bate à porta todos os dias, temos de a vencer. E esse era um dos grandes combates da própria Conceição Lima, que o fazia também a pensar na vontade da Alda, que queria ver este país de outra forma, de outra maneira.”

Inocência Mata decidiu, em 2001, por alturas dos 60 anos de Conceição Lima, organizar um livro sobre a poesia dela. “É um livro realmente importante que ia ter o patrocínio do BISTP, o Banco Internacional de São Tomé e Príncipe. Eu tinha tratado de tudo com uma pessoa com quem me dava muito bem, que era um grande mecenas. Só que o Diallo Pires dos Santos morre e vai para lá outra pessoa que dá o dito por não dito”, conta a investigadora santomense da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Mudada a cor partidária, entrava a política até nos seis mil euros de patrocínio de um livro de uma das maiores poetisas africanas de língua portuguesa.

Com isso, o livro atrasou-se em busca de novo patrocínio e Conceição Lima já não estará viva para o ver chegar às livrarias, no próximo mês de Julho, pela mão da editora Rosa de Porcelana. A mesma editora que nesse mês lançará outro livro organizado por Inocência Mata sobre Alda Espírito Santo.

Podemos pensar que, se calhar, é como no monólogo final de Salustino Graça do Espírito Santo, líder dos forros (escravo alforriado, classe dominante em São Tomé e Príncipe), no “auto do século XX” que fecha *O Mundo Visto do Meio*. Uma peça de teatro sobre o massacre de Batepá, o “mais traumático acontecimento de que os santomenses têm memória”, em que o poder colonial português pôs fim a uma greve nas roças matando com sanha centenas de pessoas.

“Mesmo quando os meus olhos deixarem de poder ver a vastidão do nosso mar e as mil tonalidades da nossa flora, o esplendoroso verde dos nossos obôs [floresta tropical], mesmo quando não mais puder sentir sob os pés o chão da nossa terra amada, do nosso solo sagrado, mesmo quando eu for, na inexorável marcha do tempo – quem sabe – ténue esperança apenas, mesmo então, convosco estarei para sempre.” 



## Siga-nos

- ✉ Newsletters
- 🔔 Alertas
- f Facebook
- ✕ X
- 📷 Instagram
- in LinkedIn
- 📺 Youtube
- 📡 RSS

## Sobre

- Provedor do Leitor
- Ficha técnica
- Autores
- Contactos
- Estatuto editorial
- Livro de estilo
- Publicidade
- Ajuda

## Serviços

- Aplicações
- Loja
- Meteorologia
- Imobiliário

## Assinaturas

- Edição impressa
- Jogos
- Newsletters exclusivas
- Estante P
- Opinião
- Assinar

## Informação legal

- Principais fluxos financeiros
- Estrutura accionista
- Regulamento de Comunicação de Infracções
- Política para a prevenção da corrupção e infracções conexas
- Plano de Prevenção de Riscos de Corrupção
- Relatório de Avaliação Anual 2025 do PPR

Gerir cookies

Ajuda

Termos e condições

Política de privacidade

